

CURRÍCULO: NOVOS CONCEITOS, VELHAS PRÁTICAS

Elizângela Farias de Oliveira¹
Maria de Jesus F C de Albuquerque²
Mere Abramowicz³

RESUMO

O texto a seguir nasceu das discussões vivenciadas em sala de aula, entre alunos e professores do curso de Pós-graduação em Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC. Foram estudados autores como David Hamilton para falar sobre origem do currículo e a trajetória da pesquisa sobre o tema; Gimeno Sacristán que traz autores que falam sobre suas acepções de currículo; Branca Jurema Ponce que trata sobre justiça curricular; Antonio Chizzotti e Alípio Márcio Casali sobre o paradigma curricular europeu, e autores que foram sendo inseridos conforme as discussões demandaram outros temas como a BNCC. O que percebemos durante essas discussões foi a grande dificuldade encontrada dentro das instituições públicas de ensino, no que diz respeito à compreensão da concepção por trás da evolução do conceito de currículo. Isso ocorre porque as reformas da educação obedecem a lógica do mercado para reprodução do próprio sistema capitalista. O currículo nunca é neutro. Ele sempre desempenhará uma intenção de quem o está organizando. Ele não pode ser concebido senão estando inserido na complexa trama social da escola na qual faz parte. É interessante pensar num currículo '*mais humano*', onde a comunidade escolar participe e saiba sua função social a partir de sua história, de sua cultura, suas crenças.

Palavras-chave: Currículo, Lógica de mercado, Cultura, Função social.

¹ Pedagoga. Mestranda do do Curso Educação: Currículo pela PUC-SP. E-mail: eliz_farias@yahoo.com.br

² Professora no Curso de Geografia na UNIFAP/Binacional, Doutoranda do Curso Educação: Currículo pela PUC-SP. E-mail: mar_alb7@hotmail.com

³ Professora Doutora do Curso Educação: Currículo pela PUC-SP. E-mail: mabramowicz@uol.com.br

INTRODUÇÃO

O presente texto surgiu a partir das discussões sobre currículo durante as disciplinas do programa de pós-graduação em Educação: Currículo da PUC-SP. Essas disciplinas em suas ementas procuram discutir o currículo como um problema da educação escolar contemporânea e como área de conhecimento. Privilegiando suas fronteiras com o poder, o conhecimento, a ética e a cultura, inserindo-o no contexto globalizado. Também enfatizando o papel dos sujeitos envolvidos no processo do currículo escolar e tomando a democracia política e a justiça social como horizontes curriculares.

O currículo é uma construção permanente de práticas significativamente sociocultural e uma prática social pedagógica complexa. Foram feitas reflexões em cima dos textos previamente apontados pelos professores do programa em forma de seminários. A partir desses seminários discutidos em sala de aula sobre os artigos e capítulos de livros, surgiu a necessidade de elaboração do texto em que fossem alinhavadas ideias dos autores que foram consideradas relevantes para a elaboração desse trabalho, pelas autoras.

“[...] se concebe currículo como construtor de identidade na medida em que junto com o conteúdo das disciplinas escolares, com o conhecimento e os saberes que ele se vincula se adequem valores, crenças, percepções que orientam o comportamento e estruturam personalidades” (ABRAMOWICZ, 2006, p. 16).

Apontamentos sobre currículo

“É importante ter sempre claro que faz parte do poder ideológico dominante a inculcação nos dominados de responsabilidade de sua situação” (FREIRE, 1996).

Para melhor compreensão do termo ‘*currículo*’, é necessário fazermos um levantamento bibliográfico sobre o seu histórico, para percebermos que seu conceito no interior dos temas ‘*educação*’ e ‘*ensinar*’, sofreu mudanças significativas porém, em alguns aspectos ele ainda possui a mesma intenção de quando surgiu: avaliar, controlar, sequenciar, servir aos interesses do mercado. Isso sempre esteve presente na pauta do currículo, porém de forma mais velada. David Hamilton em seus textos: *Sobre as origens dos termos classe e curriculum* (1993) e *Mudança social e mudança pedagógica: a trajetória de uma pesquisa histórica* (1992), fez um apanhado histórico que nos remonta à evolução desse conceito.

Por essa razão decidimos escrever sobre o tema ‘*Currículo: novos conceitos, velhas práticas*’; o novo conceito para currículo continua circulando a ‘todo vapor’ nos documentos oficiais de educação, porém, é possível perceber que esse novo conceito não está sendo (ou sendo pouco) posto em prática, ou seja, sendo trabalhado ou discutido exaustivamente com quem realmente está envolvido com a educação. Apesar do MEC negar que a BNCC seja uma proposta de currículo, mas uma proposta norteadora para as escolas: “BNCC serve como referência para a construção e adaptação dos currículos de todas as redes de ensino do país” (MEC, 2018a *apud* CURY, REYS e ZANARDI, 2018, p. 65).

METODOLOGIA

Para atender aos objetivos propostos e chegarmos às conclusões que validam este estudo, nosso percurso metodológico se assenta nos termos da pesquisa de abordagem qualitativa. Nesse sentido, esta pesquisa tem como método “*análise de conteúdo*”, ou seja, trata e analisa as informações obtidas por intermédio de técnicas de coleta de dados, consolidados em documentos como livros e artigos. Além da frequência às aulas que foram primordiais para o levantamento e compilação dos documentos. “O objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas” (CHIZZOTTI, 2017, p.120).

DESENVOLVIMENTO

A grande dificuldade que encontramos dentro das instituições públicas de ensino (de educação básica) é no que diz respeito à compreensão mais abrangente do conceito de currículo. O documento que estamos (nós, professores) acostumados a organizar na escola é muito superficial em relação à acepção da palavra. Entende-se o currículo como sendo um guia que nos orienta, que precisa ser seguido para o melhor andamento do processo ensino-aprendizagem e da organização escolar. Cury, Reys e Zanardi (2018, p. 66) discorrem sobre esse conceito na orientação dada pelo MEC: ‘Em que pese a polissemia do termo currículo, [...] o mesmo é estranhamente reduzido ao caminho (!?) e o que se deseja ensinar (“aonde se quer chegar”) é a Base Nacional Comum Curricular’.

Para Sacristán (2013, p. 16), “o currículo é uma prática na qual a escola estabelece o diálogo [...]”, porém, o que vemos no interior das instituições de ensino da educação básica, reservadas às exceções, é que este documento continua sendo usado como uma ‘receita’ a ser seguida. Embora seja negado em todos os documentos oficiais voltados para a educação. O cerne da questão continua sendo o mesmo: o sistema econômico exige formar pessoas para o mercado de trabalho. Em relação a essa afirmação, Sacristán (2013) corrobora dizendo que “as decisões sobre currículo, sua própria elaboração e reforma, são realizados fora do sistema escolar e à margem dos professores”. Ou seja, a base da pirâmide da educação não está sendo ouvida nem solicitada a falar sobre ensino. Estão sendo “*enfiados goela abaixo*” (grifo nosso) a maior parte dos documentos relativos à educação de forma vertical e quase sempre autoritária.

Esses documentos (PCN, DCN, BNCC) são resultados de processos constantes de mudanças políticas e econômicas que se refletem no setor educacional brasileiro. As reformas políticas, econômicas e sociais que existem são para “atender a nova ordem mundial” (CHIZZOTTI; CASALI, 2012, p. 14), ou seja, são para dar continuidade ao controle que serve aos interesses do sistema capitalista de mercado. As reformas na educação obedecem a essa lógica do mercado para reprodução do próprio sistema capitalista. Para Ponce (2016, p. 1142), “A educação escolar constitui um espaço de disputa de poder que tem se expressado, mais enfaticamente, por meio da luta pela definição dos currículos”. Noutro texto da mesma autora, essas disputas “[...] se encontram contaminadas pelo ritmo da economia global e a busca de resultados em *rankings* nacionais e internacionais” (PONCE; ROSA, 2014, *apud* PONCE, 2016, p. 1143). Essa discussão sobre ‘espaço de disputa de poder’, ‘busca de resultados’, precisa ser discutida no interior das escolas. Discutidos exaustivamente para uma melhor compreensão de que um currículo de qualidade necessita de embates e posicionamentos em favor dos que verdadeiramente estão envolvidos na trama da educação: a comunidade escolar.

Para Martins (2010, p. 14), “Nenhuma formação pode ser analisada senão na complexa trama social da qual faz parte”. Se não é levada em consideração as particularidades da comunidade escolar, o trabalho alienado do ensino na atualidade (em detrimento do crescimento intelectual das pessoas em favor do tecnicismo voltado para o mercado de trabalho) vai continuar, porque essa é a lógica do sistema. Por conta do “mercado planetário de capitais” (CHIZZOTTI; CASALI, 2012, p. 14), essa alienação em favor da produtividade para o mercado competitivo, a desqualificação do saber sempre vai impedir a transformação

crítico-reflexiva necessária ao sujeito. Para isso é importante fomentar essa estrutura que vai de encontro com a verdadeira educação emancipadora, ou seja, do aprendizado crítico em detrimento do conteúdo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que os professores do ensino básico ou superior têm que entender é que o currículo está diária e constantemente em movimento. Importante é compreender que ele não é uma seleção de conteúdo ou conhecimentos científicos apenas para orientar, modelar e limitar a autonomia e autoridade dos professores (o que muitos querem que seja). Ele é movimento, porque uma aula não se constrói ou é pensada apenas em cima de conteúdos pré-estabelecidos nos documentos oficiais, mas também pelo que acontece no interior das escolas, mas fora das salas de aula: nas conversas das salas dos professores, nas reuniões com os pais – o que chamamos de currículo oculto.

“O currículo desempenha uma função dupla – organizadora e ao mesmo tempo unificadora – do ensinar e do aprender [...]” (SACRISTÁN, 2013, p. 17). Ao mesmo tempo que ensino, aprendo, em qualquer ambiente: na sala de aula, nos corredores da escola, assistindo um filme, lendo notícias em jornais, notícias em internet... cada um tem sua leitura de mundo a partir dessas leituras supracitadas, a partir de suas vivências fora dos muros da escola e que são elementos de aprendizagem. Mészáros (2005, p. 59), diz se sentir aliviado pelo fato de que a maior parte da educação não se concentra na escola, mas fora dela e, dessa forma, o jovem pode obter conhecimento em outros lugares. Lugares de aprendizados e ensinamentos.

Uma outra função que o currículo deve desempenhar na escola é a que o professor alcance o entendimento que não cabe a ele nem a escola, e muito menos à educação, a tarefa de resolver os problemas socioeconômicos do país. “Propaga-se [...] de que por meio da educação o sujeito ascenderá socialmente” (EVANGELISTA & TRICHES, 2015, p. 182). As autoras discorrem em seu artigo que o que se almeja construir é a ideia de que a pobreza se origina da fraca ou da ausência de escolarização de boa qualidade e que a solução estaria dentro das escolas.

O currículo nunca é neutro. Ele sempre desempenhará uma intenção de quem o está organizando. Ele não pode ser concebido senão estando inserido na complexa trama social da

escola na qual faz parte. As lutas, os embates que ocorrem no interior da comunidade escolar devem constar no currículo. Esse contexto particular de cada instituição escolar faz parte do currículo. Dessa forma, leva-se em consideração o currículo oficial e o currículo oculto. Para Sacristán (2013), “[...] estão implicados com o currículo todos os temas que têm alguma importância para compreender o funcionamento da realidade e da prática escolar no nível de aula, de escola e do sistema educativo”.

Em relação à escola, a cultura que a constitui é imprescindível na elaboração do seu currículo. Os documentos oficiais (as propostas curriculares, os PCN, as diretrizes, a BNCC), devem orientar para essas questões. Sacristán (2013, p. 22), adverte que “[...] entre a cultura mais elaborada (pelos especialistas) e a recepção do saber (pelos estudantes), existem agentes culturais mediadores, como os professores, os livros didáticos e demais materiais didáticos”. Ou seja, aquilo que não está sendo dito dos sujeitos ocultos que estão na base da construção do currículo. Esse currículo não está sendo discutido na rede pública de ensino, e com pouca ênfase nas universidades brasileiras. Isso significa que a cultura dos sujeitos inseridos em certa comunidade escolar não está sendo levada em consideração em nenhum desses documentos oficiais, corroborando com o que muitos autores afirmam – são guias, receitas prontas para as escolas e os professores elaborarem seus currículos a partir deles.

A escola e a educação escolar são locais de disputa de poder. Portanto, “[...] cabe aos governos, às universidades, à cada cidadão e à sociedade civil organizada, proporem um debate que propicie a elucidação dos interesses em jogo” (PONCE, 2016, p. 1142). Já não mais cabem os documentos oficiais entrarem nas escolas de maneira verticalizada, num movimento de cima para baixo. Dessa forma, não há como envolver os protagonistas dessa história ignorando que eles são essenciais nesse jogo.

“Os currículos acumulam muitos saberes, mas sabem pouco dos adultos que os ensinam e menos ainda das crianças, adolescentes e jovens que o aprendem” (ARROYO, 2013, p. 71). O conhecimento acumulado e as experiências não devem e não podem ser ignorados nos currículos, como ocorre dentro das escolas e nos documentos oficiais que orientam as instituições e seus professores. É interessante pensar num currículo ‘*mais humano*’, ‘*mais real*’ onde a comunidade escolar participe e saiba sua função social a partir de sua história, de sua cultura, suas necessidades e crenças.

Masetto (2018, p. 22), fala que o currículo demanda que seus *protagonistas* (grifo nosso) assumam atitudes de comprometimento, engajamento, e “sentimento de pertença” [...]

estejam dispostos a rever a cultura pedagógica e o desempenho de seus papéis e exerçam suas funções em consonância com o projeto pedagógico”. Esses protagonistas que o autor se refere são os gestores, professores, alunos, funcionários, etc. São os elementos-chave do currículo, essa comunidade escolar participativa e sabedora de sua função social.

“A sala de aula é o território onde a relação pedagógica mestre-educador-aluno-educando encontra seu lugar, adquire ou perde seus significados, seja de realização ou de mal-estar” (ARROYO, 2013, p. 13). É na escola onde o currículo acontece, seja positiva ou negativamente. O currículo deve permitir que a pessoa reflita sobre ser sujeito. Ser sujeito em currículo é ter a possibilidade de refletir sobre a prática, é tomar consciência das teorias que a embasa (currículo emancipatório e currículo tecnicista). Não se pode pensar em currículo sem uma proposta crítica sobre ele, ou emancipadora.

Sacristán (1999) enfatiza que é na prática que o currículo ganha vida e se torna um instrumento de transformação social como já citado, sendo nesse momento que ele desempenha seu real papel de construção de identidade e formação humana. No entanto, é no desdobramento que o novo conceito de currículo voltado para multidimensionalidade dos conhecimentos se torna velhas práticas impactada nos padrões culturais cristalizados do saber e fazer do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O currículo é um problema da educação escolar contemporânea e como área de conhecimento, ainda encontramos dentro das instituições de ensino aquele documento superficial, em relação à acepção da palavra. A proposta crítica do documento diante de um novo contexto se depara não somente com sua função social, mas numa vertente de entendimento da sua concepção e de reconstrução do profissional do professor em relação aos novos paradigmas de conhecimentos menos fragmentados e descontextualizados. Justifica-se tal consideração pelo fato que é na prática que o currículo ganha vida e vem desempenhar o seu papel de construção de identidade e de formação humana na sua integralidade. No entanto, é no desdobramento que o novo conceito de currículo voltado para multidimensionalidade dos conhecimentos se torna velhas práticas impactada nos padrões culturais cristalizados do saber e fazer do professor.

Partimos então para análise do campo pós-estrutural do currículo quando os autores apontam que a velha prática pedagógica reprodutora de conteúdo desconectada e dissociada da proposta do currículo perdeu seu significado no mundo contemporâneo. A educação no atual contexto vai além dos objetivos instrumentais de aprendizagem de uma pedagogia tecnicista e de seleção isolada de conteúdo. Não adianta a educação apresentar proposta de evolução teórica conectada com a realidade e comportamentos humanos e sociais, se temos ação do fazer docente ainda distante da articulação do campo entre teoria e sua prática, com concepção de currículo como apenas um documento ou um instrumento intacto e inflexível. Toda concepção pedagógica de currículo deve iniciar da formação do profissional docente no atual contexto, como aprender a reaprender e aprender a fazer e das diretrizes institucionais de ensino.

É importante alertar para as “armadilhas” por trás da forma institucionalizada de propagação de currículo, sabendo que documentos como: PCN, DCN e BNCC são resultados de processos constantes de mudanças políticas e econômicas que corroboram com interesses do mercado, esse fato deixa claro que a concepção ou conceito de currículo nunca é neutra com afirmam categoricamente alguns autores, ora citados nesse texto. Outra constatação percebida no conjunto dos autores estudados, diz respeito a uma necessidade de compreensão mais ampla e mais abrangente na apreensão do conceito de currículo que se apresenta como o principal obstáculo a ser superado pelos professores num primeiro momento.

Num segundo momento, é necessário perceber quais são verdadeiramente os elementos-chave para a estruturação do currículo, como a participação da comunidade escolar consciente de sua função social, pois é nela que o currículo acontece. Sabendo-se que nenhuma formação pode ser analisada senão na complexa trama social da qual faz parte. É nesse contexto particular de cada instituição escolar que faz parte o currículo, sendo preciso perceber também que as lutas e os embates que ocorrem no cotidiano dessas escolas são elementos fundamentais do processo e devem constar neste documento. É neste ínterim que o currículo demanda que seus protagonistas: gestores, professores, alunos, funcionários assumam atitudes de comprometimento, engajamento e estejam dispostos a rever a cultura pedagógica e o desempenho de seus papéis e exerçam suas funções em consonância com seus projetos pedagógicos e dessa forma, buscar superar a relação dicotômica entre currículo oficial e o currículo oculto e avançar na direção de uma verdadeira educação emancipadora.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Mere. **Perspectivas de abordagem do currículo no Novo Milênio.** In Currículo e Avaliação: uma articulação necessária. Textos e Contextos. Coleção Caminhos da Utopia, volume II. Edições Bagaço, 2006.

CHIZZOTTI, Antônio; CASALI, Alípio. **O paradigma curricular europeu das competências.** Cadernos de História da Educação, vol. 11, n^o 1, jan/jun, 2012, p. 13-30.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 12^a edição. São Paulo: Cortez, 2017.

CURY, Carlos Roberto Jamil; REYS Magali; ZANARDI, Teodoro Adriano Costa. **Base Nacional Comum Curricular: dilemas e perspectivas.** São Paulo: Cortez, 2018

EVANGELISTA, Olinda; TRICHES, Jocemara. **Professor(a): a profissão que pode mudar um país?** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n^o 65, p.178-200, out2015 – ISSN: 1676-2584.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HAMILTON, David. **Sobre as origens dos termos classe e curriculum.** Revista Iberoamericana de Educación, Número 1 - Estado y Educación Enero - Abril 1993. Tradução 2015.

_____. **Mudança social e mudança pedagógica: a trajetória de uma pesquisa histórica.** In: Revista Teoria e Educação, n^o 6, p. 3-32. Porto Alegre: Pannonica, 1992.

MARTINS, Lígia Márcia. **O legado do século XX para a formação de professores.** In: MARTINS, Lígia Márcia & DUARTE, Newton (Orgs). Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias [On line]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 191 p. ISBN 978-85-7983-103-4.

MASETTO, Marcos T. **Trilhas abertas na universidade: inovação curricular, práticas pedagógicas e formação de professores.** São Paulo: Summus, 2018.

MÉSZÁROS, Istiván. **Por uma educação além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2005.

PONCE, Branca Jurema. **O tempo no mundo contemporâneo: o tempo escolar e a justiça curricular.** Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, vol. 41, n^o 4, p. 1141-1160, out/dez, 2016.

PONCE, Branca Jurema; ROSA, Sany S. da. **Políticas curriculares do estado brasileiro, trabalho docente e função dos professores como intelectuais.** Revista Teias, v. 15, n. 39, p. 43-58, 2014.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Saberes e incertezas sobre o currículo.** Tradução Alexandre Salvaterra; revisão técnica: Miguel González Arroyo. Porto Alegre: Penso, 2013.